

# O Espírito – O Senhor dos Elos Perdidos



Foto do pesquisador  
Carlos Bernardo Loureiro

## Sumário

Prefácio.....	3
O Mistério da Criação Permanece Intacto.....	9
A Título de Introdução.....	9
Capítulo I.....	13
O Homem na sua Validade Universal e Normativa.....	13
Os Mitos e a Dialética.....	17
Capítulo II.....	18
A Estrutura da Realidade - O Mito da Caverna.....	18
Capítulo III.....	21
O Espírito Grego e a Figura de Platão.....	21
Capítulo IV.....	23
A Ética e a Natureza da Felicidade.....	23
Capítulo V.....	29
O Problema da Origem e Essência das Coisas.....	29
Capítulo VI.....	32
A Ordem Divina e o Livre-Arbítrio.....	32
Capítulo VII.....	35
As Imanências do ser.....	35
O Espiritismo dialético.....	40
O Processo Dinâmico da Existência.....	42
Capítulo VIII.....	46
O SER NA EXISTÊNCIA.....	46
Capítulo IX.....	50
O Problema da Conduta ou do Valor da Ação Humana.....	50
A repulsa ao eterno.....	54
Capítulo X.....	55
O Homem Permanece um Mistério.....	55
BIBLIOGRAFIA.....	55
- Enciclopédias e Histórias Gerais da Filosofia.....	55
Sobre a Essência da Filosofia.....	56
Outras Fontes de Consulta.....	56

## Prefácio

A Filosofia é o instrumento adequado para se buscar a verdade última que se demora por detrás da talagarça cambiante dos fenômenos multivariados do complexo cósmico, o qual transforma o homem ignorante em sábio. A autodefinição pitagórica de sua atividade existencial traz, em si mesma, a justificativa de nossa afirmação: amante da sabedoria. E como disse o filósofo catarinense Huberto Rohden: “Só se compreende integralmente aquilo que se ama com ardor”. A sabedoria é o resultado da iluminação mental gradativa, que o Sol radiante da verdade produz na mente, vitalizando a inteligência e aquecendo a razão. A gradualidade liminosa é função direta do patamar evolutivo em que o Espírito estagia, no seu tropismo ascensional.

O devir progressivo tem para a alma o mesmo valor que o movimento rotacional do orbe sobre si mesmo: fazê-la transitar da obscuridade noturna do ignorar para a claridade diurna do conhecer, através da difusa luminosidade da opinião, em passos sucessivos e constantes, sem expô-la ao luzeiro meridiano de inopino, o que produziria conseqüências desastrosas no delicado tecido mental.

O amor pela sabedoria não é um sentimento que surja à primeira vista, pois dessa forma seria paixão - portanto de duração efêmera -, mas que se instala lentamente, num processo longo e contínuo, graças ao ir e vir palingenésico do Espírito, agrilhado às malhas fixadoras da Lei de Causa e Efeito. A dialética reencarnatória possibilita o acúmulo de experiências, permitindo que se alcance a necessária maturidade psíquica que desperta o amor pelo saber.

Carlos Bernardo Loureiro de Souza é um espírita, na lídima expressão do termo. Seu amor pela Doutrina é patente na dedicação às almas problematizadas, tanto encarnadas quanto desencarnadas. Igualmente, seus artigos e livros espelham sua erudição e cultura, adquiridas no estudo persistente e meditação sistemática. Contrariamente à maioria dos expositores, Bernardo não é uma “fita cassete”, reproduzindo, meramente, pensamentos alheios, mas um pensador que não titubeia em emitir opiniões, sempre substanciosas, a respeito dos variados assuntos espíritas e culturais diversos, que lhe recebem a atenção. Ser um repassador de conceitos formulados por outrem tem seu mérito, mas ser um criador de idéias é tarefa de quem tem a ousadia de opinar, o que é privilégio dos Espíritos de vanguarda, e *O Espírito, Senhor dos Elos Perdidos*, é a prova incontestada dessas afirmações.

Partindo da “antropologia” socrática, isto é, o homem como objeto principal da preocupação filosófica, em contraposição às cogitações dos pré-socráticos sobre os elementos estruturais da Natureza, soube Carlos Bernardo pôr em relevo o problema ético suscitado pelo esposo de Xantipa, em função do pseudoconhecimento por ele detectado na Agora, no Pireu, no Areópago, nos simposions etc., daqueles que se diziam conhecedores dos termos e conceitos que bolçavam, a todo momento, em seus ditirambos retóricos. Simplesmente inquirindo “o que é isto?”, no exercício da ironia, expunha a fragilidade da falsa cultura exibida a tempo e a hora, como ainda acontece em nossos tempos, de afirmações de aparência lógica, mas que se tornavam em pó quando expostas à luz meridiana dos questionamentos diretos. Quanto necessitamos de um Sócrates na atualidade do Movimento Espírita, quando algumas pessoas vivem pontificando do alto de definições

simplistas, quando não simplórias, mascaradas por jogos de palavras que aparentam explicações, mas que são apenas isto: aparência. Reencarnacionista, Sócrates elabora sobre este princípio da Natureza um método pedagógico-dialético, a maiêutica, com o qual pretende extrair da memória profunda os conhecimentos adquiridos nas vidas passadas. O axioma “aprender e recordar” será a base da pedagogia do futuro, assim como a regressão a vidas passadas virá a ser o princípio fundamental da cura psíquica, nos séculos vindouros.

Platão começa por propagar o pensamento de Sócrates, mas não fica apenas na posição de intérprete, alça vôo condoreiro e explora novas áreas, elaborando conceitos vanguardeiros no campo psicológico e político. Sua *República*, ainda que de forma tosca, preludia a educação por nível evolutivo, chave para a reforma definitiva do processo educacional, como também aponta, de certa forma, no rumo de uma forma de governo que Allan Kardec vai denominar de “Aristocracia Intelecto-Moral”, ou seja, o poder exercido pelos que possuam a inteligência e a moral comprovadamente desenvolvidas, e não mais pelos demagogos, populistas, desonestos e incompetentes, como atualmente. Mas é na “teoria das idéias” que Platão atinge o seu máximo filosófico. Até ele, o Além era pensado de maneira simplista, como “lugar para onde se vai”; ele propõe e leva a efeito, uma mudança conceptual para “lugar de onde se vem”. Somente o Espiritismo, mil e seiscentos anos após, retomará esta perspectiva, produzindo uma revolução filosófico-religiosa, cujas reais dimensões somente poderão ser aquilatadas no futuro.

A importância de Sócrates e Platão na história do pensamento humano é reconhecida por todos os grandes pensadores, em todas as épocas. A própria Doutrina Espírita deve-lhes muito, de forma direta,

pois tiveram participação ativa na Codificação, como membros da equipe espiritual, dirigida pelo Espírito da Verdade Não foi por acaso que Allan Kardec dedicou um capítulo especial às semelhanças entre os conceitos socráticos-platônicos e os ensinamentos de Jesus e do Espiritismo, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Uma outra linha de pensamento desenvolvida pelos gregos é, sem dúvida, a científica, que nasce com Tales de Mileto - justamente considerado o Pai da Filosofia -, prosseguindo com Leucipo, Demócrito, Empédocles e Anaxágoras, para atingir o ápice em Aristóteles, mentalidade enciclopédica, que estruturou a Lógica e as bases da perquirição empírico-experimental.

Por outro lado, Parmênides e Heráclito de Efeso se contrapõem na discussão entre o Ser e o Vir-a-Ser, uma fértil sementeira de proposições que os filósofos posteriores explorarão em níveis diversos, mas que somente encontrarão soluções com a Doutrina Espírita, onde o Espírito se apresenta como um Ser no Devir, proposta nascida da realidade experimental pneumatológica, onde Revelação e experiência se confundem em inovadora conquista metodológica.

Carlos Bernardo coloca essa posição em evidência quando retoma os conceitos geleanos do Dínamo-Psiquismo ontológico, uma concepção derivada do fato mediúnico, explorado até suas últimas conseqüências metafísicas: “O gênio de Geley opõe seu idealismo filosófico à estreiteza conceptual do existencialismo ateu, que nos arrasta, irresistivelmente, pela perspectiva inalterável de morte e de caos ao mais negro pessimismo: existimos efemeramente, construímos sem esperança e sem objetivo, lutamos sem sentido e sem direção, vivemos para morrer! Contra esse absurdo, só o ensino e a idéia

palingenésica podem, realmente, descortinar ao homem seu futuro, além dos limites da morte, substituindo a visão do nada pela de imortalidade e do progresso”.

A tese fundamental de Gustave Geley de que a evolução é a passagem do ser espiritual duma condição de inconsciência para a de consciência, num despertar de potencialidades, já está explícita na Codificação, desde o momento em que os Espíritos Codificadores definem o Espírito, em seu nível hipostático fundamental, como “O princípio inteligente do Universo”<sup>1</sup>, pois a condição noética postulada na definição implica, necessariamente, possibilidade de crescimento, pois a inteligência é um mecanismo ontológico de fixação neguentrópica, que diferencia o espírito da matéria, a qual se caracteriza como uma estrutura basicamente entrópica, em permanente processo de decaimento, que só a presença do psiquismo transubstancia em ciclicidade periódica de reorganização temporária. A condição de trânsito de uma fase inconsciente para outra consciente se consolida quando os Codificadores conceituam que: “Deus há criado todos os Espíritos simples e ignorantes. Ele lhes há proporcionado, a cada um, uma missão, com a finalidade de os esclarecer e de os fazer chegar progressivamente à perfeição, pelo conhecimento da verdade, e para os reaproximar Dele”.<sup>2</sup> E teria de ser assim, pois “o que é, o que não é, não é”. Se o Espírito não tivesse potencialidades a desenvolver, nunca poderia fazê-lo, pois de nada sai apenas nada.

O ser espiritual, ontologicamente falando, permanece sempre o

---

<sup>1</sup> Le Livre des Esprits, questão 23.

<sup>2</sup> Le Livre des Esprits, questão 115.

mesmo em categoria e individualidade, isto é, permanece sempre espírito enquanto condição e essência. Todavia, vinculado ao contínuo espaço-tempo, no fluxo palingenésico, é também vir-a-ser, enquanto personalidade, passando por alterações qualitativas. E aqui que o conflito Parmênides x Heráclito deságua numa solução natural e completa. O espírito é sempre espírito, mas, simultaneamente, será sempre mais e mais consciente de si mesmo e de sua circunstância, no sentido orteguiano, transportado pelo permanente fluir do rio da evolução, onde é impossível alguém se banhar, na mesma água, mais de uma vez.

Bernardo prossegue suas elucubrações, mergulhando no projeto existencialista, que procura mudar o acento da indagação filosófica, centrando-a na existência, que seria precedente, e igualmente criadora, da essência. Fruto dos angustiosos conflitos entre o querer e o ser religioso, de Kierkegaard, desdobrou-se em três ramos essenciais: o básico, protestante, o católico e o materialista, com Jean-Paul Sartre Herculano Pires iniciou uma quarta e definitiva ramificação: o existencialismo espírita, capaz de fornecer a resposta conclusiva à perplexidade sartreana e dos existencialistas religiosos, a qual já está implícita nos postulados supradesenvolvidos, e que o Autor aprofunda com seu brilhantismo habitual. O estudo de Carlos Bernardo contribui com o pensamento espírita quando levanta as discussões fundamentais da reflexão filosófica, confrontando os esquemas de solução propostos, ao longo dos séculos, com a mundividência que brota, espontânea, das revelações espirituais. Não mais se pode pensar o Ser desvinculando de um processo, nem existência sem fundamentá-la numa essência, pois o espírito é permanente e mutável, existe em essência, sendo essência do existir. Cada vez mais os filósofos descobrirão, daqui para a frente, que



os princípios espíritas repõem e redirecionam todas as preocupações filosóficas, justapondo-lhes o horizonte espiritual, que as dilatam e complexificam.

**Djalma Motta Argollo**, Ilhéus, setembro 1994.

Djalma Motta Argollo é o presidente da Instituição Espírita “Sintonia”, da Cidade de Ilhéus, Bahia, sendo autor de vários livros versando sobre os princípios fundamentais do Espiritismo.

### O Mistério da Criação Permanece Intacto

Não podemos considerar, com base na entrevista com Stephen Gould (*Darwin et les Grandes Énigmes de la Vie*), que os darwinistas sabem tudo e que o assunto da evolução esteja esgotado. É verdade, reconhece Gould, que o exato mecanismo da seleção natural ainda está para ser descoberto. Não se sabe como os genes determinam as formas externas. Qual é, em termos mais científicos, a relação exata entre o genótipo (interior) e o fenótipo (exterior)?<sup>7</sup> Não se sabe, também, se as espécies vivas evoluem gradualmente ou mediante saltos. A hipótese de Gould é de que a evolução foi pontuada por uma série de catástrofes entre duas zonas de calmaria. A pesquisa dos fósseis revela que faltam numerosos elos da cadeia. Estão faltando porque ainda não foram encontrados ou porque nunca existiram?

Guy Sorman (*Les Vrais Penseurs de Notre Temps*, Paris, 1989 - Librairie Artheme.)

### A Título de Introdução

“Não há Filosofia autêntica enquanto o Espírito não se dobra sobre si mesmo, a fim de se examinar”, afirma Will Durant, provavelmente

com o pensamento voltado para o “conhece-te a ti mesmo”, sentença insculpida no frontispício do Templo de Apoio, em Atenas, adotada por Sócrates, nascido em Alópece, Atica, 470, e desencarnado em Atenas, 399 a. C.

Antes do filósofo alopecense, porém, despontaram pensadores tais como Tales de Mileto, Parmênides e Zenão de Eléia; Pitágoras e Empédocles. Mas, na sua maioria, foram filósofos físicos. As suas idéias, embora brilhantes, prendiam-se à *physis*, ou ao mecanismo das leis que regem o mundo mensurável. Sócrates, todavia, sugeriu um mergulho alma a dentro, na tentativa de se saber o que era o homem, sua origem, seu destino. Formulou, a respeito, hipóteses e discutiu certezas. E se os homens de sua época discorriam sobre justiça, ele indagava: Que é isso? Que significam essas palavras abstratas, por meio das quais se explicam, tão facilmente, os problemas da vida e da morte? Que entendem vocês de si mesmos? A essas solicitações do filósofo, argumentava-se que ele perguntava mais que respondia, criando perplexidade e confundindo os espíritos. Essas e outras posturas levaram-no a enfrentar, compulsoriamente, mas com serenidade, a morte, que ele julgava a convalescença da doença da vida.

Sócrates imaginava edificar um sistema moral absolutamente independente de doutrinas religiosas que pudesse conduzir os homens (sem idolatria) à convivência pacífica, corolário do progresso ético e intelectual. Neste particular, guardadas pálidas proporções, o pensamento filosófico de Sócrates se identifica, eletiva e espiritualmente, com o de Jesus. Numa sociedade organizada segundo as postulações socráticas, seria restituída ao indivíduo a liberdade que lhe fosse usurpada pelo Estado. Sócrates entendia que a liberdade é a consciência; é o próprio homem; é o princípio divino do existir; é o

único bem, cujo sacrifício o Estado não pode reclamar. Ele é, enfim, a expressão de uma necessidade orgânica das relações do homem com o homem.

Segundo Heinrich Maier, a peculiar grandeza de Sócrates não se pode medir pela pauta de um pensador teórico. É importante encará-lo como o criador de uma atitude humana que definiu o apogeu de uma longa e laboriosa trajetória de libertação moral do homem por si próprio. Sócrates proclama o Evangelho do domínio do homem sobre si mesmo e da autarquia da personalidade moral.<sup>3</sup>

O princípio socrático do domínio interior do homem tem implícito um novo conceito da liberdade. Sócrates fez da liberdade um problema ético, problema desenvolvido com intensidade diferente pelas escolas socráticas. De par com o desenvolvimento do conceito de domínio de si próprio (*Enkratia*) vai se formando um novo conceito de liberdade interior<sup>4</sup>. Considera-se livre o homem que represente a antítese daquele que vive escravo dos seus próprios apetites. Fundamentalmente, portanto, a autonomia moral no sentido socrático significa a independência do homem em relação à parte animal da sua natureza. Esta autonomia não está em contradição com a existência de uma lei

---

<sup>3</sup> O substantivo *autarquia* não aparece em Xenofonte. O adjetivo *autárquico* figura numa passagem da *Ciropédia* e em quatro passagens das *Memoráveis*, com o sentido filosófico de ausência de necessidades. Platão menciona a autarquia como parte da perfeição e beatitude do Cosmos, e em Filebo, como qualidade fundamental do bem.

<sup>4</sup> Ao investigar todo o desenvolvimento da ética filosófica dos gregos a partir da socrática, H.Gomperz (*Die Lebenauffassung I)er Griechischen Philosophen VnJ Das Ideal Der bmeren Freiheit*) lançou meridiano luz sobre a incontestável importância histórica de idéia da liberdade interior e, ao mesmo tempo, contribuiu essencialmente para a compreensão do pensamento do grande filósofo.

cósmica em que este fenômeno mora do domínio do homem sobre si mesmo se enquadra. Outro conceito relacionado com este é a autarquia, a ausência da necessidade. E sobretudo em Xenofonte, provavelmente sob a impressão das obras de Antístenes, que este conceito vigora com expressividade. Em contrapartida, este traço é menos acentuado em Platão, apesar do que se não pode duvidar da sua autenticidade histórica. Mais tarde, desenvolveu-se de preferência na direção da ética pós-socrática, onde se constitui um critério decisivo do verdadeiro filósofo; nem em Platão nem em Aristóteles, porém, este traço deixa de aparecer na imagem da Eudeimonia Filosófica<sup>5</sup>. A autarquia do sábio fez reviver no plano espiritual um dos traços fundamentais do antigo herói do mito helênico, representado pela figura de Hércules nos seus “trabalhos”, precisamente por ele “ajudar a si próprio”. A primitiva forma heróica deste ideal baseava-se na força do herói, que o fazia vencedor da luta contra os poderosos inimigos, com Espíritos malignos etc. Esta força converte-se em força interior, a qual só é possível com a condição de o homem limitar os seus desejos e aspirações ao que está realmente ao alcance de seu poder. O homem deve aprender a dominar os monstros selvagens dos instintos, dando lugar à sua espiritualidade.

Sócrates estava simplesmente além de seu tempo (e do nosso tempo). A sua visão de existência e de sociedade transcende os limites impostos pelo Sistema, e se projeta, incorruptível, no íntimo dos mais lídimos anseios de justiça. O filósofo pensava como Espírito e se dirigia a Espíritos; daí, decorriam os conflitos, suscitados pelas suas idéias. Em suma: a mensagem do mestre de Platão é a representação viva do Ideal. E como afirma Rui (o nosso Sócrates): “O Ideal não se define, enxerga-

---

<sup>5</sup> Eudeimonia Filosófica: sistema de moral que tem por fim a felicidade do homem.

se por clareiras que dão para o infinito!”

## Capítulo I

### O Homem na sua Validade Universal e Normativa

O humanismo nasceria com os gregos, em que se considerava o homem na sua validade universal e normativa. Esse movimento encontraria os seus pródomos no contexto da filosofia pré-socrática, a partir de Tales de Míleto, a quem é atribuída esta enigmática expressão: “Todas as coisas estão cheias de deuses”. Interpretada (mas não aceita) por Werner Jaeger (*“Paidóia, Die Formutig Des Griechischen Memchev”*) com este sentido. “Tudo está cheio de misteriosas forças vivas... tudo tem uma alma”.

E a reflexão sobre o homem, naquele prístimo período, fez escola, em que se destaca a figura impoluta de Heráclito de Efeso, um dos mais notáveis filósofos pré-socráticos, cujas idéias iriam influenciar o próprio Hegel, na construção e na fundamentação de sua dialética. Para Heráclito, “tudo corre, nada pára... Ninguém pode banhar-se duas vezes nas mesmas águas de um rio...”. Essa teoria do devir universal se desdobra nesta sentença de profundo significado, antecipando-se, no tempo e no espaço, à ética cristã, sustentáculo da ética espírita: “Se a felicidade consistisse nos prazeres do corpo, deveríamos proclamar felizes os bois, quando encontram ervilhas para comer”. Ou esta outra que parece ter inspirado o “conhece-te a ti mesmo”, exortação inscrita no frontispício do Templo de Apoio: “Eu me procuro a mim próprio”.

Mais tarde, surgiria a figura não menos ilustre e sábia de Demócrito, cujas teorias tentam explicar o universo, os fenômenos e as próprias atividades espirituais pela combinação dos átomos. Alguns dos

fragmentos das idéias esposadas por Heráclito encontram forte ressonância no íntimo da filosofia de Demócrito, que, para muitos, seria o “pai do materialismo”<sup>6</sup>, mas que, nesses fragmentos, demonstra, paradoxalmente, uma surpreendente visão espiritualista do ser na sua complexa mundividência terrena:

“Escolher os bens da alma é escolher os bens divinos; contentar-se com os bens do corpo é contentar-se com os bens humanos”,

ou:

“A felicidade não reside em rebanhos nem em ouro: a alma é a morada do *daimon*”.

Esses filósofos pré-socráticos viriam delinear os fundamentos do patrimônio filosófico grego, embora não se descarte a possibilidade de uma remota e prisca influência de componentes filosóficos orientais. Entretanto, a filosofia helenista assumiria, mais tarde, maturidade própria, específica, inigualável, consubstanciando não exata e literalmente uma filosofia como fruto de um acordo original com o saber, mas o amor ou a procura amorosa da sabedoria. Esta não se resumiria, por sua vez, e simplesmente, no conhecimento teórico das

---

<sup>6</sup> Demócrito (460-370). A Filosofia de Demócrito constitui a primeira tentativa formal para um materialismo. Tudo, inclusive a Alma, é constituído de átomos. Surge, aqui, a interpretação material do Ente. Por isso, o movimento vai ser - antes de mais nada - um movimento local. E, então, que se põe aos atomistas o problema do lugar que os átomos ocupam. Dirão, com efeito, que os átomos estão no vazio. Isto é da mais alta importância. O vazio era, tradicionalmente, o não-ser. Mas este não-ser é necessário aos átomos. Demócrito arquiteta algo de muito original: atribui ao vazio um certo ser. O vazio transforma-se no espaço. Não é o não-ser absoluto (...) mas um não-ser relativo (...), por comparação com o pleno, com os átomos. E o ser-espacial. O problema do ser e do não-ser fica mitigado, mas não resolvido, na forma átomos-espaço. E a última tentativa de solução dentro da idéia parmenídica do ente.

essências, idéias, causas ou princípios das coisas, mas na vida de acordo com este conhecimento, pois só o acordo, ou a harmonia da vida teórica e da vida prática pode proporcionar a Eudeimonia, quer dizer, a razão de ser da filosofia<sup>7</sup>.

O terreno já estava preparado. Surgiriam, após, os grandes semeadores do pensamento grego que iria influenciar não somente as gerações de outros expressivos filósofos, mas o próprio evoluir da cultura ocidental até os nossos dias.

---

<sup>7</sup> Eudeimonia - Platão justificava que a verdadeira finalidade do diálogo era saber se a justiça representava um bem em si mesma e a injustiça, um mal. O seu propósito era demonstrar que o homem perfeitamente justo possui a felicidade e que, em contrapartida, o homem injusto é desgraçado. Segundo a interpretação platônica, é esse o verdadeiro sentido da palavra Eudeimonia: não quer dizer que o homem goza de bem-estar exterior, mas que tem realmente, como a palavra indica, um bom *daimon*. Este conceito espiritual é suscetível de aprofundamentos infinitos. *Daimon* é o Deus na sua ação. Para a massa, o homem que tem um bom *daimon* é o que é abençoado com bens abundantes e é feliz, nesse sentido. A acepção grega comum da palavra aparece apenas caracterizada no momento em que no drama de Esquilo, o rei dos Persas põe frivolamente em jogo o seu velho *daimon* para alcançar novo poder e maior riqueza (Esquilo. *Os Persas*). Apresenta aqui o conteúdo material e o autêntico sentido original dos favores dos deuses. Predomina, então, o sentido material da Eudeimonia. Esta palavra que recorda a origem do *daimon* é de per si susceptível de voltar a ligar-se com a concepção espiritual que lhe serve de base. Assim, ele volve ao antigo significado mais interior, assumindo o seu sentido real na sentença de Heráclito: “O caráter é o *daimon* do homem. O *daimon* não é aqui algo que vive fora do homem, mas a relação que aparece estabelecida entre o espiritual e a sua ação, e o homem como agente do destino faz com que este destino forme uma unidade com a essência interior daquele e com os seus condicionalismos especiais. Não há grandes distâncias entre isto e a idéia platônica de que é o *Areie* Moral do homem, a personalidade, a fonte única da sua Eudeimonia ou para exprimi-la com a frase com que Aristóteles, na sua *Elegia*, resume a doutrina de Platão: “É só a *Areie*, isto é, o valor interior próprio, que torna o homem feliz”. É com essa fé que nos deparamos já no sentido do hino final do *Górgias*, onde o Juiz profere no inferno a sentença definitiva sobre o homem, quando examina “a alma com a própria alma”, na sua completa nudez, como espiritualmente ela é, sem artificialismos.

Desponta, então, a figura de Platão. Considerado o continuador das idéias socráticas, não apenas daria rumos certos e definidos à filosofia, mas ofereceria as condições efetivas, pedagógicas e políticas que deveriam nortear a sua realização.

Eis, em síntese, os principais elementos do gênio platônico:

Rigor lógico e elã místico. É um Espírito que teve uma infância piedosa e que não esquece jamais a criança que sobrevive no homem. Sob três aspectos ele reconhece elã insatisfação que surge no indivíduo e o encaminha para alguma coisa que o supera para o Ideal, para um além mais real que o universo sensível. Uma aspiração dominante: o Bem.

Platão julgava captar, com a sua teoria das idéias, o sentido e a essência da dialética socrática e tentava formular, claramente, as suas premissas teóricas. Esta teoria tem implícito um novo conceito de conhecimento, substancialmente diverso da percepção sensorial, e um novo conceito do Ser ou do Real, distinto do que tinham os antigos filósofos da natureza.

Na elaboração de sua obra, desde a *Apologia* até o *Górgias* e deste até a *República*, Platão teve necessariamente de se propor como plano ir levando o homem de degrau em degrau até a vigia mais alta donde poderia abarcar, enfim, todo o horizonte de sua filosofia.

“Se olharmos em conjunto esta obra”, afirma W. Jaeger, “e dela subirmos até o seu início, iremos vê-la animada por uma idéia fundamental, exposta sob a forma de diálogo, que consiste em fazer com que o leitor vá paulatinamente penetrando, cada vez mais, nas entranhas da filosofia, e se dê conta do entrecruzamento dos diversos problemas



entre si.”

### Os Mitos e a Dialética

Para exprimir o Além, Platão recorre aos mitos, onde sua imaginação é pródiga: recita imagens que explicam o mundo do Devenir (futuro espiritual) pelas hipóteses veridicidas e as transporta às verdades intemporais, tentando respeitar as proporções que fazem a armadura do modelo ininteligível, em prolongamento ao raciocínio por um apelo ao sonho. Ele sente que são verdades que as imagens podem exprimir, para tentar sugerir o inexaurível.

No sonho, quando o Espírito rompe os freios das inibições que a razão lhe impõe e no homem aparece o selvagem e o animalesco em lugar do domesticado, descobre-se esta parte da natureza humana de que em geral nem o próprio homem tem consciência. “Platão é o pai da psicanálise”, sentencia W. Jaeger. E prossegue: “E o primeiro que desmascara a monstruosidade do complexo de Édipo, a volúpia de se unir sexualmente à própria mãe, como sendo parte do eu inconsciente, que ele traz para a luz por meio da investigação das experiências dos sonhos; e apresenta ainda toda uma série de recalcados complexos de desejos análogos a este, que vão até o comércio sexual dos deuses”.

Platão tira, daí, a conclusão de que se deve estender a *Paidéia* a esta vida psíquica inconsciente, para opor um dique à ameaça de irrupção destes elementos subterrâneos no mundo harmônico das emoções e aspirações conscientes da alma. O método que prescreve para dominar as tendências negativas baseia-se na psicologia das três partes da alma. Tem por fundamento uma relação sã e comedida entre o homem e o seu eu.

Da descoberta platônica a das conexões existentes entre a vida dos sonhos e os atos do homem desperto (estado de vigília), tira Aristóteles ilações importantes para as suas investigações sobre os sonhos; mas as investigações aristotélicas têm mais um caráter de ciências naturais, ao contrário daquelas de Platão, cuja psicologia do sonho se mantém vinculada ao problema da educação. Antes de adormecer, o homem deve estimular em si a parte pensante do seu ser; deve servir-lhe uma ceia abundante de formosos pensamentos e reflexões, para que ela se concentre e entre em si. Do mesmo modo deve-se apaziguar a parte irascível da alma, para que o homem não vá dormir de ânimo excitado. A este propósito importa que se tenham presentes as formas fundamentais do movimento no Thymos, que são a cólera e o entusiasmo. Por conseguinte, o sono deve começar a derramar-se pelas suas partes inferiores da alma, deixando-a ficar livre até último instante, de modo a que os últimos efeitos da sua ação apaziguadora continuem a se fazer sentir nas zonas psíquicas inquietas, durante o período de completa inibição da consciência. Esta pedagogia do sono teve grande influência nos últimos tempos da Antigüidade. Entre os neopitagóricos, por exemplo, foi ligada ao labor diário da perscrutação da consciência.

## Capítulo II

### A Estrutura da Realidade - O Mito da Caverna

No livro VII da *República* relata Platão um mito de força surpreendente, mito no qual se representa simbolicamente a situação do homem na sua relação com a filosofia e é, ao mesmo tempo, a estrutura da realidade. O curioso é que, um pouco antes, no final do livro VI, havia exposto em forma de tese essa mesma doutrina sobre a realidade e os métodos para conhecê-la. Este procedimento de Platão recorda, com uma alteração essencial da ordem, a técnica habitual de fazer

compreender uma verdade mediante uma representação poética que se esclarece e precisa de modo intelectual. Esta inversão dos termos, porém, revela que não se trata de um simples exemplo metafórico, uma vez que o mito acrescenta algo à explicação que o antecede.

O conteúdo do mito reduz-se, no essencial, ao seguinte: Platão imagina homens que se encontram desde pequenos numa caverna, que dispõe de uma abertura por onde penetra a luz exterior. Estão em tal posição que nem se podem mover senão para o fundo da caverna. Fora desta, e nas costas dos homens, brilha o resplendor de um fogo, aceso na eminência de um terreno. Entre o fogo e os homens encadeados há um caminho com um muro baixo. Por esse caminho passam outros homens que transportam objetos que ultrapassam a altura do muro. Os homens encadeados vêem as sombras dessas coisas, que se projetam no fundo da caverna: Quando os transeuntes falam, os que estão encadeados ouvem vozes como se estas procedessem das sombras que vislumbram, sombras que para eles constituem a única realidade. Um dos que está encadeado, livre da sujeição, contempla a realidade exterior. A luz provoca-lhe dores nos olhos, vê dificilmente. O Sol deslumbra-o dolorosamente e cega-o. Pouco a pouco, tenta habituar-se: primeiro, consegue ver as sombras; depois, as imagens das coisas refletidas nas águas; depois, as próprias coisas. Veria o céu de noite, as estrelas e a luz; e, ao amanhecer, a imagem refletida do Sol e, por último, após um longo esforço, poderia contemplar o próprio Sol. Então sentiria que o mundo onde vivera era irreal e desprezível. Se falasse com os seus companheiros desse mundo de sombras e dissesse que não eram reais, rir-se-ia dele. Se tentasse salvá-los e transportá-los para o mundo real, matá-los-ia.

Que simboliza este mito?. A caverna é o mundo sensível, com as

suas sombras que são as coisas. O mundo exterior é o mundo verdadeiro, o mundo inteligível ou das idéias. As coisas simbolizam as idéias. O Sol, a idéia do Bem. Pode representar-se de um modo gráfico, seguindo as instruções do próprio Platão, a estrutura da realidade a que se refere o mundo da caverna.

Platão distingue duas grandes regiões do real: o mundo sensível (o das coisas) e o mundo inteligível (o das idéias). Cada uma destas regiões divide-se em duas partes, que assinalam dois graus da realidade dentro de cada mundo. Há uma correspondência entre as primeiras e as segundas porções dos dois segmentos. Por último, a cada uma das quatro formas da realidade corresponde uma via de Conhecimento. As duas que pertencem ao mundo sensível constituem a Opinião ou *Doxa*. As do mundo inteligível são manifestações do *Nôus*. Assinale-se a influência de Parmênides. Julian Marias, nobre filósofo espanhol, oferece-nos o seguinte esquema da realidade platônica:

Mundo Sensível	Mundo Inteligível
(Realidade Aparente)	(Realidade Verdadeira)
Sombras // Coisas Reais	Objetos Matemáticos // Idéias
Conjectura // Crença	Discurso // Visão Noética
Doxa	Nôus

O mito da caverna, narrado por Platão, acrescenta alguma coisa a este esquema. De um modo concreto, simboliza, ao mesmo tempo, a estrutura ontológica do real e a significação da filosofia. Introduce com ele uma unidade fundamental entre esses mundos. As duas grandes regiões da realidade unificam-se na realidade em virtude da intervenção do homem que lhes faz frente. O mundo visível e o mundo inteligível

aparecem classificados pela sua referência a duas possibilidades humanas essenciais, Ver e Compreender. O homem que primeiramente está na caverna e que depois sai de lá, para encarar a luz, é quem confere unidade aos dois mundos. O mundo total é um mundo duplo que se integra num só, por meio do homem. (Sob um outro ponto de vista há um segundo vínculo de unidade, que é o Bem, fundamento ontológico do ser de ambos os mundos.) Ao homem da caverna acontece-lhe algo que pode ser relato, e esse relato é o próprio mito. O tema do mito da caverna constitui, na sua dimensão mais profunda, a essência da Filosofia. Algo que, como vemos, se relata melhor do que se define. A Filosofia, propriamente, não se pode definir, apesar de Platão ser o homem da definição. Há que contá-la ou narrá-la. Aquilo que acontece ao filósofo, o drama da Filosofia, é o que põe em evidência a estrutura do real. E este o significado duplo do mito da caverna. Não se deve esquecer, contudo, que a viagem do homem do mito é de ida e volta: aquele que está envolvido em cadeias, desde que contemplou o mundo da luz e da liberdade, torna para a caverna. Isto é, a partir das sombras explica as coisas e a partir das idéias explica a realidade sensível. O final trágico do mito reflete a forma como era vivida a Filosofia no tempo de Platão: na morte do filósofo, pelos seus companheiros da caverna, evidencia-se a lembrança imperecível da figura de Sócrates.

## Capítulo III

### O Espírito Grego e a Figura de Platão

A filosofia de Platão é encarada como o apogeu de uma cultura. Deve ser focada na sua função orgânica dentro do processo total do espírito e da história da tradição helênica, e não como um mero sistema de conceitos com existência própria. A história da *paidéia*, encarada como a morfologia genética das relações entre o homem e a polis, é o

fundo filosófico indispensável no qual se deve projetar a compreensão da obra platônica. Para Platão, ao contrário dos grandes filósofos da natureza, da era pré-socrática, não é o desejo de resolver o enigma do universo que justifica todos os seus esforços pelo conhecimento de verdade, mas sim a necessidade do conhecimento para a conservação e estruturação da vida. Platão aspira a realizar a verdadeira comunidade, como espaço dentro do qual se deve consumir a suprema virtude do homem. A sua obra de reformador está animada do espírito educador socrático, que não se contenta em contemplar a essência das coisas, mas quer criar o Bem. Toda a obra escrita de Platão culmina nos dois sistemas educacionais que são a *República* e as *Leis*, e o seu pensamento gira constantemente em torno do problema das premissas filosóficas de toda a educação, e tem consciência de si próprio como a suprema força educadora de homens.

É assim que Platão assume a herança de Sócrates e se encarrega da direção da luta crítica com as grandes potências educadoras do seu tempo, com a tradição histórica do seu povo; com a Sofística e a Retórica, o Estado e a Legislação, a Matemática e a Astronomia, a Ginástica e a Medicina, a Poesia e a Música. Sócrates apontara a meta e estabelecera a norma para o conhecimento do Bem. Platão procura encontrar o caminho que conduz a essa meta, ao colocar o problema da essência do saber. Passando pelo fogo purificador da ignorância, sente-se capaz de chegar mais longe, ao conhecimento do valor absoluto que Sócrates buscara, e de por meio dele restituir à vida a unidade perdida. O (...) socrático converte-se em “Filosofia Platônica”. A posição que esta ocupa na história dos sistemas do pensamento grego é caracterizada pelo fato de ser uma *paidóia* que aspira a resolver, com a mais vasta ambição, o problema da educação do homem. E a posição que ela ocupa

na história da *paidóia* helênica é, por sua vez, definida pelo fato, como forma suprema da cultura, a filosofia e o conhecimento. O problema da formação de um tipo superior ao homem, herdado dos seus antepassados, ele o baseia no fundamento de uma nova ordem do Ser e do Mundo, qual substitui em Platão a primitiva terra- mãe de toda a cultura humana - a religião -, ou antes, que é ela mesma uma nova religião. E isto que a distingue de um sistema científico-natural como o de Demócrito, que representa na história da ciência o equivalente histórico-universal do pensamento platônico e que na história da filosofia lhe faz face, como uma das criações originais do espírito investigador dos gregos. No entanto, a filosofia grega da natureza, cujos primeiros representantes do pensamento racional, vai-se convertendo cada vez mais em missão de sábios e investigadores, no tempo de Anaxágoras e de Demócrito. E com Sócrates e Platão que, pela primeira vez, aparece uma forma de filosofia que se lança energicamente na luta desencadeada pelos Sofistas em torno do problema da verdadeira educação e reclama para si o direito de decidi-la. E ainda que com Aristóteles volte a impor-se com grande pujança na filosofia pós-platônica o tipo científico-natural, é indiscutível que Platão comunica algo do seu espírito educador a todos os sistemas da Antigüidade que se seguem a ele, elevando, assim, a filosofia à categoria da mais importante força cultural da Antigüidade posterior. O fundador da Academia é com razão considerado um clássico onde quer que se conheçam e professem a filosofia e a ciência como forças formadoras do homem.

## Capítulo IV

### A Ética e a Natureza da Felicidade

Ocorreu a Aristóteles (Estagira, 384 - Cálcis, 322, a C) que, acima

de todas as questões do mundo físico, estavam as questões maiores: qual o supremo bem da vida? Que é a virtude? Como poderemos atingir a felicidade e a realização do nosso destino?.

“Aristóteles é realisticamente simples em sua ética”, assevera Will Durant. Ele se abstém de pregar ideais super-humanos e vazios conselhos de perfeição. Afirma George Santayana: “Em Aristóteles o conceito de natureza é perfeitamente equilibrado; todo ideal tem uma base natural e todo natural tem desenvolvimento ideal”. Aristóteles reconhece, em princípio, que o objetivo da vida não é o bem por si mesmo e, sim, a felicidade. “Pois nós colhemos a felicidade por si mesma e nunca tendo em vista algo além dela; amamos a honra, o prazer, a inteligência... por supormos meios de atingir a felicidade” (*Ética*). Mas ele compreende ser mero truísmo dizer que a felicidade é o bem supremo; que é preciso um conhecimento mais claro da natureza da felicidade e do meio de alcançá-la. Espera encontrar tal meio perguntando em que difere o homem dos outros seres e presumindo fazer a belicosidade humana na plena manifestação dessa qualidade especificamente atributo do ser humano.

Ora, a excelência peculiar ao homem é a faculdade de pensar; por ela excede e domina todas as outras formas de vida; e como o desenvolvimento desta faculdade lhe deu a supremacia, deve-se supor que o desenvolvimento dessa qualidade lhe proporcionará a realização do seu destino para o alcance da felicidade.

A condição primordial da felicidade é a vida da razão - glória particular do homem e seu poder. A virtude, ou antes a excelência (tradução mais adequada ao vocábulo grego *Arete*)<sup>8</sup>, depende juízo

---

<sup>8</sup> O conceito de *Arete* - Tanto em Homero (poeta épico, considerado o autor



---

da *Ilíada* e da *Odisséia*) como nos séculos posteriores, o conceito de *Areie* é freqüentemente usado no seu sentido mais amplo, isto é, não só para designar a excelência humana, como também a superioridade do ser humano.

*Areie* é o atributo próprio da nobreza. Homero entende por *Arete* as qualidades morais ou espirituais. A *Ilíada* fala de um mundo situado num tempo em que domina exclusivamente o espírito heróico da *Arete*, e corporifica este ideal em todos os seus heróis.

Em Sófocles, porém, observa W. Jaeger, se manifesta o novo ideal da *Arete*, que pela primeira vez e de modo consciente faz da *psyche* o ponto de partida de toda a educação humana. Esta palavra ganha, no século V, uma nova ressonância, um mais alto significado, que só com Sócrates alcança o seu sentido pleno. A Alma (*psyche*) é objetivamente reconhecida como o centro do homem. É dela que dimanam todas as suas ações e toda a sua conduta. Há muito a escultura tinha descoberto as leis do corpo humano e dele fizera o objeto do mais fervoroso estudo. Descobriu na harmonia do corpo o princípio do cosmo, que o pensamento filosófico já confirmara. A partir do cosmo chega o mundo grego à descoberta do espiritual. Não é como entidade caótica que ele contempla do ponto de vista da experiência imediata. Pelo contrário, é o único reino do ser que, embora sujeito a uma ordem jurídica, ainda não tinha sido penetrado pela idéia cósmica. E evidente que, à semelhança do corpo, a alma também tem o seu ritmo, a sua harmonia. Entra-se, com isto, na idéia de uma estrutura da alma. Talvez se pudesse encontrá-la expressa em Simônides quando ele afirma que “a *Areie* consiste em ter estruturados corretamente e sem falha as mãos e os pés do Espírito”. Há, contudo, uma distância considerável desde esta primeira apresentação de um ser de forma espiritual, concebido por analogia com o ideal corpóreo da formação agonística, até a teoria da educação que, como verdade histórica, Platão atribui ao sofista Protágoras. A idéia da educação está nele desenvolvida com íntima coerência. Converteu-se de imagem poética em princípio educacional.

Protágoras fala da educação da alma por meio da verdadeira *Enrhythmic* e *Euharmosía*. A justa harmonia e o justo ritmo devem nascer do contato com as obras da poesia, da qual receberam as normas. Também nesta teoria o ideal da formação espiritual se relaciona como o da formação do corpo. A educação e a poesia vêm o seu modelo no esforço da plástica para conseguir criar uma forma humana, e enveredam pelo mesmo caminho para atingirem a do Homem. Por seu lado a escultura aprende da poesia e da educação o caminho que leva ao espiritual. Em todas se revela uma alta valorização do homem, que para as três se situa no centro do interesse. E esta tendência antropocêntrica do espírito ético que dá lugar ao nascimento da humanidade, não no sentido do amor humano pelos outros membros da comunidade, que os gregos chamam Filantropia, mas sim no sentido do conhecimento da verdadeira e essencial forma

lúcido, autodomínio, desejos em proporção com as simples possibilidades e meios; não é acessível ao homem simples nem dom conferido à inocência; e sim uma realização da experiência no homem plenamente desenvolvido. Mesmo assim, há um caminho para ela, um roteiro para a excelência, que talha muitos desvios e tardanças: o caminho mediano, a áurea mediocridade.

As qualidades de caráter podem ser dispostos em tríades, em cada uma das quais a primeira e a última qualidade serão extremos e vícios, e a do meio uma virtude ou excelência. Assim, entre a coragem; entre a avareza e a prodigalidade, a liberalidade; entre a indiferença e a ambição desenfreada, a legítima ambição ou a aspiração; entre a humildade e o orgulho, a modéstia; entre a indecisão de Hamlet e a impulsividade ou arrebatamento de Dom Quixote, o autodomínio. O justo na ética não difere do certo na matemática; significa correto, adequado, o que melhor atua para a consecução do melhor resultado. A excelência é uma arte adquirida com o exercício e o hábito; nós não procedemos retamente por termos virtude ou excelência, e sim temos virtude ou excelência por procedermos retamente; “estas virtudes formam-se no homem com a prática dos seus atos” (*Ética*); somos aquilo que fazemos repetidas vezes. A excelência não é, então, um ato e sim um hábito: “O bem do homem consiste em fazer a alma esforçar-se no caminho da excelência toda a vida... pois como uma andorinha ou um belo dia não fazem a primavera, também não é um dia ou curto lapso de tempo que faz a felicidade” (*Ética*).

A juventude é a idade dos extremos: “Se um jovem comete uma falta é sempre por excesso ou exagero”. A grande dificuldade dos jovens

---

humana e espiritual.

(e de muitas pessoas mais velhas) é escapar de um extremo sem cair no oposto. Pois de um extremo passa-se facilmente a outro, quer por “excesso de correção, quer por outra causa: a deslealdade resvala para os excessivos protestos de dedicação e a humildade paira sobre o abismo da presunção”<sup>9</sup> (*Ética*). Os que se acham conscientemente num dos extremos dão o nome de virtude, não ao meio, mas ao extremo oposto. Algumas vezes é isto um bem; pois se temos consciência de estar errado num dos extremos, “aspiramos chegar ao outro e atingiremos assim a posição intermediária..., a exemplo do que os homens fazem para endireitar uma tábua torta” (*Ética*). Mas os que estão nos extremos sem disso se aperceberem encaram o justo meio como o defeito maior; eles “empurram para o extremo oposto o homem da posição média; o bravo temerário pelo covarde, e chamado covarde pelo temerário” (*Ética*).

Comenta Will Durant, a propósito:

“É óbvio ser esta doutrina da média a formulação de uma atitude característica que aparece em quase todos os sistemas filosóficos da Grécia. Platão tivera-a em mente ao chamar a virtude - ação harmoniosa; e Sócrates, ao identificá-la com o saber. Os sete sábios haviam firmado essa tradição gravando no Templo de Apoio, em Delfos, a divisa *Meden Agan*: nada em excesso”.

Com isso afirmou Nietzsche em *A Origem da Tragédia*: “Os gregos se esforçaram para refrear a sua própria violência e impulsividade. Mais verdadeiro, contudo, seria pensar que esse preceito refletia a certeza que

---

<sup>9</sup> A vaidade de Antístenes, o Cínico, afirma Platão. Espia por todos os buracos do seu manto.

possuía o grego quanto às paixões não serem defeitos por si mesmas e sim a matéria-prima tanto dos defeitos como das virtudes”.

“Mas o justo meio”, informa Aristóteles, “não encerra todo o segredo da felicidade. Devemos ter, também, em boa proporção, bens mundanos: a pobreza torna o homem avarento, ao passo que a riqueza, libertando-o de toda a cobiça e de toda a necessidade, concede-lhe facilmente o meio de exercer a virtude. O mais nobre dos auxiliares externos da felicidade é a amizade. Ela é em verdade mais necessária aos felizes do que aos infelizes, pois a felicidade se multiplica sendo compartilhada por outros. E de maior monta que a justiça, pois, quando os homens são amigos, torna-se desnecessária a justiça; mas, se são justos, a amizade é ainda uma benção” (*Ética*).

Apesar de os bens materiais e a amizade serem necessários à felicidade, a essência desta reside em nós, no saber profundo e na clareza do entender.

A ética de Aristóteles é uma variação de sua Lógica: a vida ideal assemelha-se a um silogismo correto. Ele nos legou um manual das conveniências em vez de um estímulo ao aperfeiçoamento. Houve quem o rotulou de “moderado em excesso”. Por outro lado, Matthew Arnold, citado por Will Durant, conta-nos que os professores de Oxford consideravam a ética infalível. Durante trezentos anos este livro e a *Política* formaram o espírito dos estadistas ingleses, “talvez para grandes e nobres realizações, mas indubitavelmente para uma lenta e fria eficiência”

Aos sessenta e dois anos Aristóteles morreu, voluntariamente, bebendo o mesmo veneno que impuseram a Sócrates: cicuta.

## Capítulo V

### O Problema da Origem e Essência das Coisas

Werner Jaeger afirma que o ponto de partida dos pensadores naturalistas do século VI era o problema da origem, a *physis*, que deu o seu nome ao movimento espiritual e à forma de especulação que originou. Isto justifica se tivermos presente o significado originário da palavra grega e não imiscuirmos nela a atual concepção da física. O seu interesse fundamental era, na realidade, o que na nossa linguagem corrente denominamos Metafísica. Era a ele que se subordinavam o conhecimento e a observação física. É certo que foi do mesmo movimento que nasceu a ciência racional da natureza. Mas a princípio estava envolta em especulação metafísica, e só gradualmente se foi libertando dela. No conceito grego *physis* estavam, inseparáveis, dois aspectos: o *problema da origem* - que obriga o pensamento a ultrapassar os limites do que é dado na experiência sensorial; e a *compreensão* - por meio da investigação empírica (...), do que deriva daquela origem e existe atualmente (...). Era natural que a tendência inata dos jônios - grandes observadores e exploradores - para a investigação levasse as questões a um maior aprofundamento, onde aparecem os problemas últimos. É natural também que, uma vez colocado o problema da origem e essência do mundo, se desenvolvesse a necessidade de ampliar o conhecimento dos fatos e a explicação dos fenômenos particulares. Pela proximidade do Egito e dos países do Oriente Próximo torna-se mais que verossímil - confirmam-no as tradições mais autênticas - que o contato espiritual dos jônios com as mais antigas civilizações daqueles povos não só tenha levado à adoção das conquistas técnicas, mas tenha também dirigido a atenção daquela raça para a consideração de problemas profundos que aqueles povos

resolveram de maneira muito diferente dos gregos, por meio de mitos referentes ao nascimento do mundo e a própria gênese humana e espiritual.

Há, porém, algo de fundamentalmente novo como os gregos puseram a serviço do seu problema último - *da origem e essência das coisas* - as observações empíricas que receberam do Oriente e enriqueceram com as suas próprias, bem como no modo de submeter ao pensamento teórico e causai o reino dos mitos, fundado na observação das realidades aparentes do mundo sensível: os mitos sobre o nascimento do mundo. É neste momento que assistimos ao aparecimento da Filosofia Científica. É este, aliás, o feito histórico da Grécia. É certo que foi só gradual a sua libertação dos mitos. Porém, o simples fato de ter sido um movimento espiritual unitário, conduzido por uma série de personalidades independentes, mas em íntima e recíproca ligação, já demonstra seu caráter científico e racional. A conexão do nascimento da filosofia naturalista com Mileto, a metrópole da cultura jônica, torna-se clara, se notarmos que os seus três primeiros pensadores - Tales, Anaximandro e Anaximenes - viveram no tempo da destruição de Mileto pelos persas (início do século V). Tão evidente é a continuidade do trabalho de investigação e do tipo espiritual desta magnífica plêiade de grandes homens, impropriamente designados de “esmola milesiana”. O modo de propor e resolver os problemas segue, nos três, a mesma direção. Abriram caminho e forneceram os conceitos fundamentais à física grega de Demócrito até Aristóteles.

Dentre as proposições filosóficas desses pensadores, permitimo-nos destacar a que se segue, de autoria de Anaximandro, reconhecidamente a figura mais imponente dos físicos milesianos:

“Onde estiver a origem do que é aí também deve estar o seu fim, segundo o decreto do destino. Porque as coisas têm de pagar umas às outras castigo e pena, conforme a sentença do tempo”.

Inúmeras especulações surgiram, *a posteriori*, sobre a sentença de Anaximandro, desde Nietzsche até Eewin Rhode, sendo tentadas várias interpretações místicas. “A existência das coisas como tais”, elucida W Jaeger, “a individualização, seria um pecado t, uma sublevação contra o princípio originário eterno, pelo qual as criaturas teriam de padecer uma pena. Quando o texto correto foi restaurado, tornou-se claro que se trata apenas da compensação da *Pleonaxia* das coisas. Não é uma culpa das coisas, idéia estranha aos gregos. É uma personificação pela qual Anaximandro se figura a luta das coisas, como a contenda dos homens num tribunal”. E W. Jaeger exemplifica:

“Temos diante de nós uma cidade jônica. Lá está o mercado, onde se administra justiça; sentado numa cadeira, o juiz estabelece a pena. O juiz é o tempo. Nós o sabemos pelas idéias políticas de Sólon. O seu braço é inexorável. Quando um dos contendores tira demais do outro, o excesso lhe é de novo retirado e dado ao que ficou com pouco. A idéia de Sólon é esta: a *Dike* não depende dos decretos da justiça terrena, nem resulta da simples intervenção externa de um decreto da justiça divina, como sucedia na antiga religião de Hesíodo. É imanente ao próprio acontecer, no qual se realiza para cada caso a compensação das desigualdades. Esta compensação eterna não se realiza só na vida humana, mas também no mundo inteiro, na totalidade dos seres”.

A evidência deste processo e a sua imanência na esfera humana levam Anaximandro a pensar que as coisas da natureza, com todas as suas forças e oposições, também se encontram submetidas a uma ordem

de justiça imanente e que sua ascensão e sua decadência se realizam de acordo com esta ordem.

O filósofo de Mileto conseguiu esboçar uma prodigiosa idéia sobre uma legalidade universal da natureza. Não se trata, evidentemente, de uma simples uniformidade do fluxo causal, no sentido abstrato da ciência atual. “O que Anaximandro formula”, acrescenta W. Jaeger, “com suas palavras, é mais uma norma universal do que uma lei da natureza no sentido moderno. O conhecimento desta norma do acontecer da natureza tem um sentido espiritual imediato. Não é simples descrição de fatos, mas uma justificativa de natureza do mundo. O mundo revela-se como um cosmos, isto é, como uma comunidade jurídica das coisas.”

Julgamos correto caracterizar a concepção do mundo de Anaximandro com a íntima descoberta do cosmos. Esta descoberta não se pode fazer senão no fundo da alma humana. Essa idéia filosófica do cosmos significa uma ruptura com as representações religiosas administradas pela tradição mística. Ademais, essa ruptura significa, sem embargo, a emergência de uma nova e revolucionária concepção da divindade do Ser.

## Capítulo VI

### A Ordem Divina e o Livre-Arbítrio

Para Sólon (Atenas, 640-558 a.C.) era essencial o problema do nexos causais entre a desventura e a culpa do homem. E nas suas Elegias, onde se focaliza este problema, que pela primeira vez aparecem as idéias que impregnam as tragédias de Esquilo, autor de *As Suplicantes*, *Os Persas*, *Sete contra Tebas*, *Agamenon* e *Prometeu*.



Na concepção épica, a cegueira engloba, numa mesma unidade, a causalidade divina e humana em relação & desventura: os erros que arrastam o homem para a ruína são efeito de uma força daimônica (espiritual).

É essa força que induz Helena a abandonar a casa do marido para fugir com Páris, e é ela que endurece o coração de Aquiles perante a embaixada que o exército lhe envia para dar explicações, visando à recuperação de sua honra ultrajada. O desenvolvimento da autoconsciência humana realizou-se no sentido da progressiva autodeterminação do conhecimento e da vontade em face dos poderes superiores. *Daí a participação do homem em seu próprio destino e sua responsabilidade perante ele.*

Na parte mais recente da *Epopéia Homérica* (Canto I da *Odisséia*), o poeta, inspiradoramente, procura delimitar a participação do divino e do humano na desventura dos homens e declara que o governo divino do mundo se encontra livre de culpa quanto às desgraças que sucedem ao homem, por agir contra os ditames do juízo mais perfeito (a lei natural). Que magnífica percepção do autor da *Odisséia*, firmando, pragmaticamente, as bases da responsabilidade do Ser, ante o exercício justo ou injusto do seu livre-arbítrio!

Sólon, todavia, iria aprofundar essa idéia, por meio de sua grandiosa fé na justiça. A justiça para o arconte ateniense é um princípio divino imanente ao mundo, cuja violação suscita uma reparação independente de toda a justiça humana. Desde o instante em que o homem adquire consciência dessa realidade, ele será responsável pelas suas desventuras. Esta concepção do pensamento grego, formulada séculos antes de Cristo, estava espetacularmente avançada

para a sua época, para nossa época e épocas vindouras..

A crença de Sólon numa ordem divina do mundo encontra o seu mais sólido fundamento na *Tragédia de Esquilo*. O drama *Os Persas* mostra, de modo mais simples, a sua base nas postulações do autor da *Helióia*. O trecho da tragédia esquiliana alteia-se ao mito trágico porque tem grandeza e porque o descalabro das atitudes humanas evidencia aquela ordem divina de Sólon.

Não é uma peça patriótica, escrita na embriaguez da vitória; é, antes, uma formidável análise da natureza humana que não respeita os próprios limites. *Os Persas* constitui o tipo originário da *Tragédia de Esquilo*. A dor acarreta a agudeza do conhecimento. Existe um grau intermediário no “conhece-te a ti mesmo” no Templo de Apoio, em Delfos, que exige, efetivamente, o conhecimento dos limites humanos. Essa idéia é essencial em Esquilo. Observe-se, porém: o que em Sólon é apenas reflexão intelectual sobre as paixões humanas, torna-se em Esquilo o *pathos* da experiência da sedução espiritual (daimoniana) e da cegueira moral que conduz ao sofrimento: “Pois, quando a *hibris* floresce, traz como fruto a cegueira, cuja colheita abunda em lágrimas. E ao verdes tal recompensa para ações semelhantes (*Ação e Reação*), pensai em Atenas e na Hélade” (*Os Persas*). A divindade é justa; a sua ordem é eterna!

A tensão problemática do pensamento de Esquilo surge em outras tragédias. Na *Oresióia*, v. g. atinge o apogeu não apenas a imaginação criadora da linguagem e a criatividade artística do *aedo* ateniense, mas sobretudo a tensão e a ênfase do problema moral e espiritual do Ser. Esta obra, de impressionante envergadura dramática, foi escrita na velhice do poeta, pouco antes de atravessar o Archeronte e prestar

contas à sua consciência...

Uma outra peça de Esquilo assume grandiosa dimensão ética: *Prometeu*. E a *Tragédia do Espírito*. Mais uma vez, o pensamento se volta para a responsabilidade moral ante os erros perpetrados. Admite *Prometeu*. “Foi involuntariamente, sim, foi involuntariamente que errei; não o nego”. Nessa peça, a dor torna-se o sinal característico das atitudes violadas da ordem divina. Esse Deus acorrentado aos rochedos representa, na visão de Esquilo, o próprio destino da humanidade, presa de monumentais conflitos. Ao longo dos séculos, os críticos do genial dramaturgo entenderam que a figura mitológica de *Prometeu* era a imagem da humanidade não apenas de sua época, mas, e precognitivamente, de todas as épocas. Todos nós, em realidade, nos sentimos agrilhoados ao rochedo do sofrimento, resultado de posturas incompatíveis com a ordem divina.

Só o *Ecce Homo*, o Acorrentado do Gólgota, transcendendo os limites da concepção ética consubstanciada no trágico episódio do Cáucaso, magistralmente dramatizado por Esquilo, pode lançar as bases de uma nova ética, que somente será alcançada mediante profundo e ardoroso anseio de renovação!

Dos confins da era clássica até o advento do Cristianismo, há toda uma trajetória espiritual que em vão se tentará arredar do mundo fantástico do Ser, em sua mundividência palingenésica.

## Capítulo VII

### As Imanências do Ser

Em meio a tantas concepções sobre o Ser, permitimo-nos destacar, na modernidade, a de autoria de Gustave Geley, esposada

em sua obra *Do Inconsciente ao Consciente*. A evolução para Geley resume um processo de aquisição da consciência, tanto no microcosmo quanto no macrocosmo, o que explica melhor as faculdades evolutivas do que é capaz o transformismo clássico e faz compreender como o mais pode sair racionalmente do menos, posto que a imanência criadora, que está na essência das coisas, possui todas as capacidades potenciais de realização.

O indivíduo, o ser aparente, submetido ao nascimento e à morte, efêmero em sua duração – proclama Geley -, não é o ser real, mas tão-só uma representação ilusória, atenuada, fragmentária: o ser real, aprendendo pouco a pouco a conhecer-se e a conhecer o universo, é a chispa divina no caminho de realizar sua divindade, infinita em suas potencialidades, criadora, eterna. Também no universo manifestado, as diferentes aparências das coisas são meramente a representação ilusória, atenuada e fragmentária da unidade divina, a realizar-se numa evolução sem fim.

O gênio de Geley opõe seu idealismo filosófico à estreiteza do existencialismo ateu<sup>10</sup> que nos arrasta irresistivelmente, pela

---

<sup>10</sup> Existencialismo - Doutrina Filosófica segundo a qual a existência precede e cria perpetuamente a essência. Para o existencialismo, a existência humana deve ser o primeiro objeto da reflexão filosófica. Seu princípio mais geral é que “a existência precede a essência” (Sartre), vale dizer, o homem não é o simples acontecer histórico e acidental de uma essência absoluta, interporal; ele só é o que faz de si mesmo na existência concreta e contingente. Não há nenhuma essência no homem que lhe predetermine este ou aquele destino; não há uma natureza humana; a existência não é senão a obra de nossa liberdade exercida dentro das situações concretas e peculiarizadas do existir, enquanto a condição humana é a de ser-em-situação e de ser-no-mundo

O autor existencialista mais conhecido é Jean-Paul Sartre (Paris, 1905 - id. 1980), professor de Filosofia, dramaturgo, romancista, recusou o prêmio Nobel em 1964 por questões pessoais.

perspectiva inalterada de morte e do caos, ao mais negro pessimismo: existimos efemeramente, construímos sem esperança e sem objetivo, lutamos sem sentido, sem direção, vivemos para morrer! Contra esse absurdo, só o ensino e a idéia da Doutrina Palingenésica podem,

---

Sartre, a partir de Edmund Husserl (1859-1938), construiu uma fenomenologia fundamentada na noção de intencionalidade da consciência, expressa na obra *Esboço de uma Teoria das Emoções* (1939). Deve-se esclarecer que a fenomenologia de Husserl apresenta-se como uma das essências e como um método para fundar a realidade do mundo e a realidade do próprio homem no mundo. Nessa perspectiva, a intencionalidade é a determinação principal da consciência.

Em 1946, Sartre realiza uma conferência no Clube Maintenant de Paris, publicada, posteriormente, pelas edições Magel. As idéias sartreanas expressas nessa conferência dariam origem à obra *O Ser e o Nada*, onde o filósofo traça o perfil do homem existencialista:

“O existencialismo ateneu que eu represento é mais coerente. Declara ele que, se Deus não existe, há pelo menos um ser, no qual precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito, e que este ser é o homem, ou como diz Heidegger, a realidade humana. Que significa, então, que a existência precede à essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem, tal como concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente é nada. Só depois será, e será tal como a si próprio se fizer. Assim, não há natureza humana, visto que não há Deus para a conceber”.

Afirma o prof. José Herculano Pires que Sartre rompe com toda a sistemática do pensamento e toda a tradição metafísica, fazendo “tilintar os guizos da ironia voltaireana. E se Voltaire tinha um pé na cova, como ele dizia, Sartre já nasceu na cova e nela pretende dissolver-se e dissolver o homem como chama de fogo-fátuo.

E completa o autor de *O Espírito e o Tempo*:

“Sartre sustenta, na seqüência dos seus disparates filosóficos, que a consciência é vazia, nada tem em si mesma, pois que reflete apenas a realidade circundante”.

A despeito, porém, das incongruências sartreanas, é notória a influência de suas idéias no contexto do pensamento moderno. Afinal de contas, o niilismo, que é, de certa forma, a base das concepções do autor de *O Ser e o Nada*, continua vigendo no íntimo da sociedade ocidental hodierna, como fruto azedo da falência teológica.

realmente, descortinar ao homem seu futuro além dos limites da morte, substituindo a visão do Nada pela da Imortalidade e do Progresso. Com base nessa notável e alvissareira perspectiva, cunhou-se a admirável sentença inscrita no dólmen de Kardec, no cemitério Pere Lachaise, em Paris: *Nailre, Mourir, Renaitre Encore Sans Cesse, Telle Est La Loi*.

Destarte, esclarece Geley: “As tumbas deixam de ser tumbas; são asilos passageiros para o fim da jornada das ilusões. E assim como se desvanece, pela idéia palingenésica, o caráter fúnebre da morte, também assim se destrói o monumento da injustiça edificado pelo evolucionismo clássico. Já não há evolução sacrificados e privilegiados. Todos os esforços individuais e coletivos, todos os sofrimentos e amarguras desembocarão na realização da justiça e na preparação do bem; mas o bem e a justiça para todos, porque todos teremos contribuído para a justiça e o bem”.

O objetivo da evolução seria, para o autor de *O Ser Subconsciente*, a aquisição da consciência, que se concretiza pela passagem do inconsciente ao consciente. E é por meio dessa passagem que se desenvolvem todas as potencialidades imanentes, configurando a realização coletiva, no envolver da soberana inteligência, da soberana justiça e do soberano bem.

As teses de Geley se identificam com a *Dialética* de Hegel, filósofo idealista alemão do início do século XIX. Para o célebre autor de *Fenomenologia do Espírito*, os fenômenos materiais outra coisa que não objetivações da Idéia, e o mundo subjetivo se desenvolve por uma lei de contradição que se opera por meio de uma Tese, de uma Antítese e de uma Síntese (ou uma Conciliação). Em princípio, a

filosofia hegeliana corresponde ao mesmo processo da filosofia palingenésica de Gustave Geley. Com efeito, para Geley, o absoluto de Hegel chama-se Dínamo-psiquismo, que evolue do inconsciente ao consciente, de modo que o *Espírito Absoluto* do ilustre pensador alemão e o *Dínamo-psiquismo Essencial*, do metapsiquista francês, definem uma mesma entidade, e as três fases da *Dialética de Hegel* correspondem à *Trilogia Espírita do Nascer, Morrer e Renascer*.

Deve-se concluir, ante o brilhantismo das teses *sub judice*, que a evolução, como fora e é concebida, não tem o poder de mudar a essencialidade das coisas; supõe, ao contrário, uma causalidade essencial, sem a qual não se admite nenhum desenvolvimento progressista. Diria, a propósito, Jacob H. Netto (*Espiritismo e Marxismo*). “O movimento e o tempo não podem criar, por si sós, o que não existe: só evolue o que tem existência potencialmente ou em desenvolvimento”. Evidentemente: não se passa do não-ser nem da quantidade à qualidade, senão em virtude de uma existência e uma qualidade análogos anteriores, de uma causalidade substancial que as compreende, desenvolve e modifica. Não se pode conceber nenhuma transformação, nenhuma mudança morfológica fundamental, sem uma causa essencial persistente, sem continuidade biopsíquica, sem um elemento organizador e diretor da matéria, que leve em si mesmo, potencialmente, as possibilidades de suas futuras metamorfoses.

“A concepção da evolução tão-somente pela ação dos fatores externos, o testemunho do inseto”, afirma Geley, “opõe suas transformações, suas metamorfoses formidáveis dentro de uma crisálida fechada, subtraída em grande parte à ação desses fatores. Aí se processa o incrível fenômeno da histólise, reduzindo a maior parte de seus órgãos a uma papa amorfa, antes das transformações

iminentes. Esse mecanismo é regido por um princípio diretor, inalterável e imanente, ou seja, a continuidade biopsíquica. Entretanto, a continuidade biopsíquica não implica a continuidade morfológica: as formas passam e desaparecem, mas a vida psíquica permanece essencialmente a mesma; é ela que se aperfeiçoa e evolue, emprestando progresso e perfeição relativos às formas que cria e desenvolve, e, quando estas chegam ao máximo de seu desenvolvimento, desaparecem ou se fundem em outras sob a ação psicodinâmica do ser vivente, que as trabalha para a realização de um fim específico ou que transcende o limite da espécie. As espécies, tanto quanto os indivíduos, podem aparentemente desaparecer e deixar nos fósseis os vestígios de sua existência; mas a vida psíquica a que as animava se projeta a outras dimensões para, mais adiante, animar outras espécies e outras individualidades, sem deixar de ser o mesmo Dínamo-psiquismo, a mesma essência, o mesmo Ser! Em suma: tudo é trânsito para alcançar formas e qualidades novas; tudo está em perpétuo Vir-a-Ser, sem ser jamais algo perfeito, definitivamente concluído. Deve-se admitir, porém: o que muda e se transforma, continuamente, são as formas e qualidades, não a essência.”

### O Espiritismo Dialético

Por sua vez, o pensador argentino Manuel S. Porteiro, autor do extraordinário *Espiritismo Dialético*, afirma que há em todos os seres um dinamismo psíquico essencial, um poder seletivo e diretor, uma tendência constantemente renovada, um mediador plástico que adapta as formas orgânicas às novas necessidades de vida em sua ininterrupta atividade perfeccionista: potências todas do Espírito para alcançar formas e qualidades superiores.



Nada há, em verdade, de descontínuo na evolução biopsíquica, só a aparência das formas materiais transitórias pode fazer supor tal descontinuidade. Apenas os materialistas, para quem essas formas materiais em si mesmas e em suas transformações constituem a única realidade, podem negar a continuidade de vida psíquica, a finalidade e o progresso indefinido. “O caso de ser ou não ser”, proclama Manuel S. Porteiro, “deste ponto de vista, não é para eles chegar a ser, senão deixar de ser, pois que no indivíduo que morre, na espécie que desaparece, na civilização que se destrói e na vida que termina com o planeta, o futuro consiste, em última análise, na morte de tudo quanto existe, na ruína de tudo que é criado e, por conseqüência, no mais acerbo pessimismo. Esforços, atividades, lutas, sacrifícios, inventos, progressos técnico-industriais, filosofia, artes, criatividade, consciência, inteligência e vontade, depois, inquietudes espirituais, afetos, esperanças, ideais, tudo, enfim, que palpita, respira, pensa e trabalha, se converte em pó no conceito materialista da vida e da História.”<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Para os físicos e biólogos destes finais de século (XX), pelo menos para aqueles que realmente pesquisam, a existência do Criador afigura-se imprescindível à explicação lógica dos monumentais fenômenos da natureza. “O clássico materialismo, que perdeu sua base física (a matéria como entidade eterna e imutável, sem princípio nem fim, uma essência metafísica), já não serve como explicação”, conforme elucida o prof. Carlos Toledo Rizzini, em seu artigo *Deus Vai Aparecendo*, inserto na Revista *André Luiz*, de 5-6-1989.

Afirma, a propósito, o Dr Sérgio Valle:

“A teoria eletrônica degradou os átomos dos materialistas da estirpe de Bochner, Haeckel e Huxley. Tais sacerdotes da Filosofia atéia seriam hoje gerais inativos e reformados, por falta de munção bélica - a matéria! A base das suas especulações desapareceu do mercado mundial. Quem diz e quem prova não é a Espiritualidade: é a Ciência leiga, o Deus único a que eles curvam as cabeças orgulhosas”.

## O Processo Dinâmico da Existência

À luz do Espiritismo Dialético, pode-se entender as coisas movendo-se constantemente, sucedendo-se em suas formas e movimentos, dentro de suas respectivas ordens e leis, e modificando-se não só morfologicamente, mas também quantitativamente e qualitativamente, quer dizer que, além de mudar no espaço e no tempo, mudam, também, na forma, na quantidade e na qualidade. Ampliando, ainda mais, esse critério de verdade superior, não se concebe nenhum fato isolado e descontínuo, nenhum movimento que não corresponde a outro movimento, nenhum efeito sem causa.

Exclama, então, Manuel S. Porteiro:

“Tudo é circulação e movimento..., movimento encadeado em

---

A verdade é que a Física Clássica, embora exercesse, por considerável lapso de tempo, inequívoca importância, tornou-se até certo ponto limitada por descrever apenas um nível de realidade - o nível macroscópico, ou seja, aquela apreendida por nossos sentidos.

Ela é válida, pois, 1) objetos compostos de grande número de átomos; 2) para velocidade que são pequenas quando comparadas à velocidade da luz. Quando a condição 1 não ocorre, o modelo newtoniano deverá ser substituído pela teoria quântica. Quando a condição 2 não é satisfatória, torna-se necessária a adoção da Teoria da Relatividade.

Ambas as teorias suscitaram uma profunda revisão nos conceitos de espaço, tempo, matéria, causa e efeito, evidenciando uma dimensão de realidade distanciada da que diuturnamente vivenciamos. Fato interessante é que a Física Quântica nos mostra um universo que se apresenta como uma complicada teia de relações entre as partes e o todo. A este nível, as partículas não podem ser decompostas e estudadas como unidades independentes e separadas. Elas só podem ser observadas em termos de sua interação.

Quanto à Teoria da Relatividade, o espaço não é tridimensional e o tempo não é uma entidade dele apartada. O que essa teoria prega, essencialmente, é que não há espaço e tempo - há, sim, espaço-tempo, constituindo-se um *continuum* que não pode ser separado -, com isso estamos vivendo um *continuum* de quatro dimensões...

outros movimentos!”.

Afirma, por seu turno, o célebre cientista William Crookes:

“A matéria não é mais um modo de movimento. Toda matéria volverá a passar pelo estado etéreo de onde procede”.<sup>12</sup>

Se do aspecto físico do mundo passamos ao aspecto biológico, vemos igualmente que a vida é uma torrente contínua de forças cambiantes, de formas que se modificam, se renovam, se metamorfoseiam, se sucedem incessantemente, encadeando-se umas às outras escalonando-se, relacionando-se entre si.

E, desde o protoplasma ao ser unicelular, desde a célula - centro de oscilações e radiações biológicas - até o homem - centro das mais complexas atividades psicodinâmicas -, tudo é movimento, transformação, tendência a perpetuidade. E pode-se dizer, sem paradoxo, que biologicamente não há nenhum ser acabado: a vida é em sua essência, ainda que múltipla, variada e indefinida em suas formas.

Não foi sem razão que o físico inglês *Sir* Oliver Lodge, o

---

<sup>12</sup> A matéria não é mais do que energia em determinada faixa vibratória que exterioriza os 92 corpos simples da escala estequió-genética. Nesse ponto a energia ganha consistência aos nossos grosseiros sentidos, da mesma forma que essa mesma energia, em determinado padrão vibratório, tem características de som aos nossos ouvidos, muito embora a vibração tenha uma seqüência uniforme, antes e depois da escala acústica. Assim acontece com o espectro luminoso, conhecido pelas sete cores em que se decompõe a luz branca, e ainda aí, antes do vermelho e depois do violeta, a energia vibratória é seqüenciada, sem interrupção, e suas modificações são individualizadas, apenas, pelas reações produzidas no conjunto vibratório que forma a nossa individualidade física e espiritual.

conhecido autor de *Raymond*, afirmou:

“Estamos muito longe da perfeição, e cada um de nós é, individualmente, um artigo inacabado... O homem é, inegavelmente, um ser imperfeito e está todavia em vias de desenvolvimento; mas não deve perder-se de vista que nós partimos da idéia de que a criação é uma operação contínua, perpetuamente em curso, em movimento, exigindo tempo para chegar à maturidade e dentro da qual todos aspiram a um fim designado e desejado antecipadamente” (in: *Evolução Biológica e Espiritual do Homem*).

Camille Flammarion, cujas obras iluminaram os séculos XIX e XX, admite:

“A grande lei de unidade e de continuidade se revela não somente na forma plástica dos seres, mas também na força que os anima, desde o modesto vegetal ao homem superior”.

Arremata, finalmente, Manuel S. Porteiro:

“E no universo, como causa essencial de sua existência, há pois, fora de dúvida, um Princípio Inteligente, ativo, criador e transformador perpétuo. Assim, têm estabelecido, ainda que de diversas maneiras, todos os filósofos, à exceção dos materialistas, que só admitem a matéria como substância única, como única realidade e causa essencial e determinante da vida e do pensamento”.

Heráclito, que se afirma ter sido o primeiro filósofo a pensar dialeticamente, que teve uma concepção dínamo-genética da vida e do universo, afirmou que “tudo passa” que “nada é”, que “tudo chega a ser”, que “nenhum homem se banha mais de uma vez nas mesmas

águas de um rio”, concebeu este princípio do movimento, da transformação constante de tudo quanto existe.<sup>13</sup>

---

13 Heráclito de Éfeso é o primeiro filósofo que admite que o conhecimento do Ser está na íntima dependência e conexão com a inteligência da ordem dos valores e orientação da vida; e é com plena consciência que ele inclui a primeira na segunda. A forma profética de sua afirmação tira a sua íntima necessidade da aspiração do filósofo a abrir os olhos dos homens sobre si próprio, a revelar-lhes o fundamento da vida, a despertá-los do seu sono. A natureza e a vida são um enigma, um oráculo de Delfos, uma sentença sibilina. Heráclito sente-se intérprete de enigmas, o Édipo da Filosofia, que arranca os enigmas à Esfinge.

É esta uma nova forma de Filosofia; uma nova consciência filosófica. Só pode ser expressa por meio de palavras e imagens tiradas da experiência exterior. O próprio logos só pode ser determinado por meio de imagens. Só logos contém a lei que Heráclito chama divina, aquela onde “todas as leis humanas podem ir beber”. O logos de Heráclito é o Espírito - o Legislador da Natureza. O que já existe em germe na concepção do mundo de Anaximandro desabrocha, insopitavelmente, na consciência de Heráclito. Na nova ordem do mundo formulada por ele, o homem conquista sua posição como ser cósmico. Para viver como tal, entretanto, é preciso orientar a vida nesse sentido, conhecendo e seguindo as leis e as normas cósmicas.

Heráclito baseia a sua aspiração à supremacia, no fato de a sua doutrina ensinar ao homem a seguir, em palavras e ações, a verdade da natureza e as suas leis divinas.

Na concepção de mundo de Anaximandro, a geração e destruição das coisas são concebidas como o governo compensador de uma justiça eterna, ou melhor, como uma luta pela justiça perante o tribunal do tempo. Em Heráclito, essa luta torna-se pura e simplesmente “o pai de todas as coisas”...

“A doutrina de Heráclito”, admite W. Jaeger (*Paidóia, Die Formung Des Griechischen Menschen*), “surge como a primeira Antropologia Filosófica. A sua filosofia do homem é, por assim dizer, o mais interior de três círculos concêntricos pelos quais a sua filosofia se pode representar. O círculo antropológico está no interior do cosmológico.”

O homem de Heráclito é uma parte do cosmos. Quando, porém, ganha consciência de que traz no seu próprio espírito a lei eterna da vida, adquire a capacidade de participar da mais alta sabedoria. E na norma do mundo que ele fundamenta a norma do homem filosófico.

Não há dúvida de que Heráclito se encontra sob a poderosa influência da filosofia da natureza. A imagem total da realidade, o cosmos, o curso

A tese do admirável pesquisador argentino conclui-se com este raciocínio:

“A vida é movimento, a evolução é movimento, o progresso é movimento, movimento ascendente, de transformação, de perfeição e eterno rejuvenescimento”.

## Capítulo VIII

### O Ser na Existência

O prof. José Herculano Pires apresenta em seu *Curso Dinâmico de Espiritismo* uma tese realmente interessante. Ao examinar a concepção existencial de Jean-Paul Sartre, estabelece as seguintes premissas entre vida e existência:

“Todos os seres vivem, mas só o ser humano existe, porque existir é ter consciência de si mesmo e viver em ritmo de ascensão, buscando superar a condição humana e atingir a divina. O homem é o único existente. Esta palavra existente designa o homem como ser na

---

circular das formas em contínua transformação, que constantemente percorre o Ser: tudo isso constitui a base mais sólida do seu pensamento.

O curso do mundo não é para esse notável filósofo um espetáculo distante e sublime, em cuja contemplação o espírito se afunda. Pelo contrário, através do próprio Ser transita o acontecer cósmico. O homem ganhou consciência da eterna luta entre o Ser e o Devir. Cria, finalmente, uma filosofia cujo sentido se encontra expresso na profunda máxima: “Investiguei-me a mim mesmo”.

Significa que ao lado da intuição sensível e do pensamento racional se revela, pelo evoluir da alma sobre si própria, um mundo novo às tarefas do conhecimento. A sentença de Heráclito está intimamente ligada ao aforismo: “Por mais longe que vás, não encontrarás os limites da alma: tão profundo é o seu logos”.

É impossível exprimir a volta da Filosofia ao homem do modo mais grandioso do que aquele que aparece em Heráclito.

existência”.

Na concepção espírita, antes de Ser, o homem é apenas um Vir-a-Ser, algo misterioso fechado em si mesmo. “Ansiando por relação”, esclarece o autor de *O Mistério do Ser ante a Dor e a Morte*, “esse algo se projeta na existência e se abre na relação, encontrando nesta os elementos que o despertam e o transformam num ser. Este toma consciência de sua própria natureza de ser e como tal busca superar-se. No trânsito existencial desenvolve a sua essência e abre, no maciço do mundo, feito de leis rígidas e fatalistas, a única brecha de liberdade, que é o homem com o seu livre-arbítrio.”

Para Sartre, porém, o homem, ao morrer (dependendo das circunstâncias), já conseguira elaborar a sua essência na existência, que lhe não serve para nada. Diante disso, ele afirma: “O homem é uma frustração!”.

A partir de Edmund Husserl, o notável autor de *Lições sobre a Consciência Interior do Tempo*, Sartre construiu uma fenomenologia fundamentada na noção de internacionalidade da consciência. Sua reflexão volta-se para a imaginação, o domínio mais amplo e livre do pensamento porque o Espírito, aí, pode deter-se numa produção independente do real, mas, também, o mais obscuro porque ligado ao desejo e funcionamento amiúde malgrado nosso (no sonho, no delírio). Para resolver a dificuldade e deixar à consciência sua soberania, Sartre inventou a noção de consciência pré-reflexiva.

Para Martin Heidegger (1889-1976), discípulo de Husserl, “o ser se desenvolve na existência e se completa na morte”. Não é uma frustração, mas uma realização!

Ainda Jean-Paul Sartre, utilizando-se da dialética de Hegel (1770-1831), tenta justificar o existente:

O homem antes da existência é o em-si.

O homem na existência é o para-si.

O homem na morte é o em-si-para-si.

Nos seus comentários sobre a tese sartreana, o prof. José Herculano Pires admite que o em-si-para-si é a síntese dialética em que o em-si e o para-si se resolvem. Reporta-se ao conceito filosófico de existência e o conceito de vida, concluindo que “não vivemos como as plantas e os animais, integrados na matéria, mas como espíritos ligados à matéria para usá-la em função de seus interesses objetivos. Vivemos na *psyche* e não no corpo. Nossa vida não é propriamente vida, mas um existir independentemente das coisas e dos seres materiais, cuja única aspiração verdadeira é a liberdade, que só podemos de fato obter e gozar na inferioridade de nós mesmos”.

Na realidade, e como bem afirmou o prof. Miguel Reale, o homem não é uma simples entidade psicofísica ou biológica, redutível a um conjunto de fatos explicáveis pela Psicologia, pela Física, pela Anatomia, pela Biologia. No homem existe algo (*psyche*) que representa uma possibilidade de inovação e de superação. A natureza sempre se repete, segundo a fórmula de todos conhecida, segundo a qual tudo se transforma e nada se cria. Mas o homem representa algo que é um acréscimo à natureza, a sua capacidade de síntese, tanto no ato instaurador de novos objetos do conhecimento como no ato constitutivo de novas forma de vida.



No centro de nossa concepção axiológica situa-se a idéia do homem como *ente* que é o *deve ser*, tendo consciência dessa realidade. É dessa autoconsciência que nasce a idéia de *pessoa*, segundo a qual não se é homem pelo simples fato de existir, mas pelo significado ou sentido da existência. Quando apreciamos o problema do homem, toda a Ontologia se resolve em Axiologia... Só o homem é um ser que inova, e é por isso que somente ele é capaz de valorar. Chega-se à conclusão de que o problema do valor reduz-se à própria espiritualidade humana. Há possibilidade de valores porque quem diz homem diz liberdade espiritual, possibilidade de escolha constitutiva de bens, poder de síntese com liberdade e autoconsciência.

O homem, cujo *ser* é o seu *dever ser*, construiu o mundo da cultura à sua imagem e semelhança, razão pela qual todo bem cultural só é enquanto *deve ser*, e a “intencionalidade consciência” se projeta e se revela como intencionalidade transcendental na história das civilizações.

Contra essa tese se opôs a idéia de que “a pessoa é uma categoria histórica, ou seja, uma conquista de obra civilizadora da espécie humana”.

Ainda é o prof. Miguel Reale que justifica:

“Não se deve confundir o aspecto genético com o aspecto lógico da questão, A idéia de sociedade, longe de constituir um valor originário e supremo, acha-se condicionada pela sociabilidade do homem, isto é, por algo que é inerente a todo ser humano e que é condição de possibilidade da vida de relação”.

O fato de o homem só vir a adquirir consciência de sua

personalidade em dado momento da vida social não elide a verdade de que o social já estava originariamente no ser mesmo do homem (aspecto elucidado pela Palingenesia), no caráter bilateral de toda atividade espiritual: a tomada de consciência do valor da personalidade é uma expressão histórica de atualização do *ser do homem* como ser social, uma projeção temporal, em suma, de algo que não teria convertido em experiência social se não fosse intrínseco ao homem a condição transcendental de ser pessoa.

A sociedade é essencial à emergência de valores, como afirma Cuvillier (*Manual de Sociologie*, Paris, 1950), mas essa emergência é condicionada pelo valor transcendental e intrínseco do homem como tal. Por outro lado, a pessoa, como autoconsciência espiritual, é o valor que dá sentido a todo evoluir histórico, ou seja, o valor a cuja atualização tendem os renovados esforços do homem em sua atividade civilizadora.

## Capítulo IX

### O Problema da Conduta ou do Valor da Ação Humana

Qual um dos maiores problemas da Filosofia que a Ciência positiva não resolve, nem está em condição de resolver? É o problema da conduta ou do valor da ação humana.

Por mais que o homem descubra e identifique verdades e seja capaz de atingir leis ou princípios, seus conhecimentos da realidade não envolvem a obrigatoriedade da ação. Que vale o homem no plano da conduta? O fato de ser portador de soma maior de conhecimento leva-o a reconhecer o caminho do seu dever? A atitude do homem perante o homem e o mundo, e a projeção dessa atitude como atividade

social e histórica, eis o tema nuclear e até mesmo dominante da Filosofia.

Immanuel Kant (1724 - 1804) já fizera perguntas semelhantes no curso de suas especulações filosóficas. Eis a primeira indagação do filósofo de Königsberg:

“Que é que posso conhecer?”, e completa: “Como é dado ao homem certificar-se da verdade das ciências e dos poderes e limites do entendimento e da razão?” Essas perguntas resultaram na elaboração de uma obra fundamental do pensamento moderno, que revela a íntima e palingenésica ânsia de o Espírito cada vez mais se conhecer, identificando as suas potencialidades e razão-de-ser neste mundo! *A Crítica da Razão Pura* (1781). Depois o pensador alemão escreveu um outro livro extraordinário: *A Crítica da Razão Prática* (1788), que objetivava responder às indagações: “Que devo eu fazer?” “Como devo comportar-me como homem?”. Constituindo uma notável trilogia, Kant lança a obra: *Crítica do Juízo* (1791), que corresponde às perguntas: “Qual a finalidade das coisas e qual o destino do homem?”, ou, em outras palavras: “Qual o sentido último do universo e da existência humana?”. Kant, lançando as bases da moderna Antropologia Filosófica, resume essas três indagações numa só: “Que é o homem?”.

Há quem pense que a Filosofia se esgote nas questões relativas a uma teoria do conhecer e a uma teoria do agir. Entretanto, o homem não é um ser que conhece e age, mas antes de tudo é um ser, uma existência, um ente que sabe que existe entre outros entes. Assim, surge a necessidade de considerarmos o valor de nós mesmos e de tudo que nos cerca: “Que vale a existência? Que vale ou representa o

universo? Que vale o homem inserido no universo? Que ser é o homem? Que é ser?”

Ernst Cassirer mostra que o Ser é transcendência na temporalidade, na busca incessante de Deus. Essa transcendência se projeta no plano social e, segundo Heidegger, se completa na morte.

Ante a problemática do Ser despontam, *a priori*, esses dois eminentes filósofos: Ernst Cassirer e Martin Heidegger. Heidegger se considerava um filósofo do Ser, analisando, em profundidade, a existência, uma vez que o Ser, aí, se mostra mais acessível à abordagem filosófica. Mas acontece que o movimento existencialista se realiza dentro das mesmas perspectivas, o que evidencia que o problema do existir envolve inevitavelmente o Ser, Jean-Paul Sartre considerou Heidegger um místico do Ser. Sartre reflete, por sua vez, a influência poderosa de Auguste Comte e Voltaire, abominando a tradição mística alemã com a sua aceitação do transcendental por ele considerado “como queda na fragilidade humana”. Em contrapartida, estabelece premissas consideradas absurdas: “O homem é uma paixão inútil: a essência do homem é um suspenso na existência; a morte é a nidificação do ser...” Não foi sem razão que o prof. José Herculano Pires afirmou em *O Mistério do Ser ante a Dor e a Morte*. “Se Voltaire tinha um pé na cova, como ele mesmo dizia, Sartre já nasceu na cova e nela pretende dissolver-se e dissolver o homem como chama de fogo-fátuo”. As concepções sartreanas, na verdade, em negar simplesmente a transcendência do Ser, refletem os tumultos que lhe iam na alma. O Ser concebido por Sartre é vazio, tão vazio, sem embargo, quanto seu “criador”. A vida desse ser vai do berço ao túmulo, “que é a frustração do Ser”.

“Sartre sustenta na seqüência de seus disparates filosóficos”, elucida o prof. José Herculano Pires, “que a consciência é vazia, nada tem em si mesma, pois reflete apenas a realidade circundante. As categorias kantianas da razão seriam uma balela.” Entretanto, e nesse particular, surge a figura de René Hubert (*Traité de Pedagogic Generale*), que resgata a tradição kantiana e demonstra que as categorias decorrem das experiências da consciência e são as próprias experiências em função dinâmica no plano consciencial.

Entretanto, e à luz da Filosofia Espírita, dever-se-ia analisar o Ser de acordo com a dinâmica criadora do ideal palingenésico, em que o passado e o presente se fundem numa supra-realidade, ainda conforme o prof. José Herculano Pires na *Introdução* à obra de Humberto Mariotti *Parapsicologia e Materialismo Histórico* (Edicel).

Neste livro, por sinal, o autor argentino enuncia o homem e a sociedade numa nova civilização que surgirá em função da vontade consciente do Ser, que é o único possível construtor do futuro. “Os valores existenciais projetam-se além da existência, porque esta é apenas um *ente*, um *fenômeno* na duração, que pode ligar *o finito* ao *infinito*. E é justamente na existência fenomênica - segundo René Humbert (*Esboço de uma Doutrina da Moralidade*) -, na realidade em que vivemos, que a sociedade dos Espíritos é chamada a realizar-se, se a razão posta a seu serviço revelar-se suficientemente enérgica.

As palavras seguintes de Mariotti parecem ratificar o raciocínio de René Humbert:

“A existência material será superada pela espiritualidade da essência; ela transformará sua imagem finita para mostrar-se resultante do ser infinito”. Estas reflexões permitem pensar que

devemos anexar à fenomenologia de Husserl uma *segunda fenomenologia* - uma fenomenologia espírita do Ser não se restringe à estrutura física, supera-a, dando origem a uma nova realidade psicológica, na acepção literal do vocábulo.

### A repulsa ao eterno

Humberto Mariotti refere-se, em sua obra já citada, ao Homem Impotente, fruto da cultura filosófica, que não foi capaz, ao longo do tempo, de identificar no ser humano as suas origens pré-universais. Pregou-se (e ainda vem se pregando) o “aparecimento” de um indivíduo que teve origem no nada, ignorando-se que o ser é criado “simples e ignorante”, que se encarna na realidade material objetivando o despertar de suas imanes potências espirituais. O “homem-que-morre”, extraordinária expressão de Mariotti, por sua vez efêmera, jamais poderia concretizar os ideais de infinitude do ser espiritual, eterno e sempre direcionado para o futuro. O “homem-que-morre” é aquele de que tratam as doutrinas materialistas, que escoimaram da face da Terra o Ser Eterno e responsável perante a sua consciência face à lei natural. O “homem-que-morre” é justamente aquele que se esgota, inexorável, na solidão tenebrosa do túmulo, sem quaisquer perspectivas de o ultrapassar e projetar-se na dimensão cósmica. Diria, a propósito, Humberto Mariotti: “O homem finito, com seus afetos e aspirações, resultará em tragédia e fatalidade”.

A repulsa ao eterno preconizada pelo Niilismo seria, a nosso ver, o medo de o homem assumir pessoal responsabilidade perante os ordenamentos da lei natural. E, diríamos, uma espécie de fuga, que lhe parece estratégica. Na verdade, terá ele de assumir as repercussões dos atos praticados compulsoriamente. Não se trata do olho-por-olho,

mas de um processo em que se destacam a responsabilidade e o respeito ao direito de outrem. A lei, no caso, tem um caráter eminentemente pedagógico, levando o Espírito a conscientizar-se de sua realidade ontológica, ainda que se situe em um plano considerado inferior (quando reencarnado) e em uma dimensão compatível com o seu estado moral (quando desencarnado).

## Capítulo X

### O Homem Permanece um Mistério

Encerrando nossas ilações filosóficas sobre o problema do Ser, permitimo-nos submeter, à reflexões, as sentenciosas palavras de Heidegger, expressas na obra *Kant Und Das Problem Der Metaphysik*:

“Nenhuma época acumulou, como a nossa, conhecimentos tão numerosos e tão diversos sobre o homem. Nenhuma época conseguiu apresentá-los de maneira que nos atingisse tanto. Nenhuma tornou esses conhecimentos tão pronta e facilmente acessíveis. Mas também nenhuma época soube menos o que é o homem. A nenhuma pareceu ele tão misterioso”.

## Bibliografia

A bibliografia sobre os temas tratados nesta monografia é imensa. Limitar-nos-emos às obras consultadas.

### - Enciclopédias e Histórias Gerais da Filosofia

- *Novíssima Enciclopédia Delta-Larousse* Editora Delta S/A - 1982
- *Grande Enciclopédia Delta-Larousse* Editora Delta S/A - 1970

- *História da Filosofia*, Julian Marias, Edições Souza & Almeida Ltda Porto, Portugal - 1959
- *História da filosofia*, Will Durant, Edições “Livros do Brasil”, Lisboa, Portugal - 1989

#### Sobre a Essência da Filosofia

- *Heráclito de Efeso* H. Diels, 2.a edição
- *Parmenides Und Die Geschichte Der Griechischen Philosophic*, 1916, K. Reinhardt
- *A Teologia dos Primeiros Filósofos Gregos* (tradução espanhola, 1952), W. Jaeger
- *Paidéia - A Formação do Homem Grego* W. Jaeger, Martins Fontes/Editora Universidade de Brasília, 1989
- *Sócrates - Ethics os Sócrates*, 1925 M. M. Dawson
- *A Vida de Sócrates* - 1947 A Tovar
- *Fédon, Bibliografia Filosófica* - Coimbra, Portugal Platão
- *Protagoras e Critone* - Tradução de A. Lobo Vilela Platão
- *Aristóteles - Introduction a Ia Etica a Nicómano*, 1960 Julian Marias, Madri, Espanha
- *The Philosophy of Aristóteles* D. J. Allan

#### Outras Fontes de Consulta

- *Humanismo e Anti-Humanismo em Conflito - Introdução à Antropologia Filosófica*, Pedro Nogare Editora Heder, 1973
- *Do Inconsciente ao Consciente*, Gustave Geley, Ed. Victor Hugo, Buenos Aires
- *Espiritismo Dialético*, Manuel S. Porteiro, Ed. Victor



*Hugo, Buenos Aires*

- *L'Existencialisme Est un Humanisme - obra traduzida por Virgílio Ferreira (O Existencialismo É um Humanismo), Editorial Presença - Lisboa, Portugal Jean-Paul Sartre*
- *Filosofia do Direito, Miguel Reale Edição Saraiva, 1969*
- *Concepção Existencial de Deus, José Herculano Pires, Ed. Paidéia*
- *Kant Und Das Problem Der Metaphysik, M. Heidegger*